

Polícia ouvirá mais de 40 pessoas

02 FEV 2000

Homem que provocou o acidente com gás cloro na Ceilândia não apareceu para depor. Inquérito ainda demora um mês

Kátia Marsicano
Da equipe do **Correio**

A Corregedoria de Polícia Civil tem até o dia 20 de fevereiro para concluir o inquérito sobre o caso do vazamento de gás cloro, que ocorreu na noite do dia 12 de janeiro e matou a dona-de-casa Maria José Pereira, 49 anos. O acidente foi na QNN-6 de Ceilândia, provocado pelo sucateiro Edivaldo Batista Pereira, 50 anos, marido de Maria José, que abriu o cilindro e deixou escapar o gás tóxico. Ontem à tarde, estavam marcados os depoimentos de Edivaldo e seu filho Ronaldo de Castro Pereira, 20 anos — os primeiros a serem ouvidos —, mas nenhum dos dois apareceu.

Segundo o delegado responsável pelo inquérito, Gerardo Carneiro, como pai e filho não atenderam à intimação, nos próximos dias será determinada a "condução coercitiva" de ambos, ou seja, agentes policiais irão buscá-los em casa e levá-los à corregedoria. O depoimento estava marcado para as 15h30. Por volta do meio-dia, o próprio Ronaldo chegou a confirmar ao **Correio** que iria à polícia, mas não apareceu.

Sobre o acidente, que intoxicou mais de 150 moradores do conjunto O, já foram ouvidas três pessoas na 23ª Delegacia de Polícia: o funcionário público e

oficineiro João Marques de Souza Neto, o lanterneiro Josué Rodrigues Santos e o mecânico João Santos Costa, o Joca.

João Marques, morador da QNN 20, foi o primeiro dono dos cilindros de gás cloro. Foi ele quem, durante 14 anos, os manteve guardados num dos cômodos da oficina, e depois os vendeu, por R\$ 10, ao lanterneiro Josué Rodrigues, que pretendia usá-los no serviço de solda. Assim que descobriu que não serviriam para o que queria, Josué acabou levando os dois cilindros para a oficina do Joca, na QNN 22.

HOMEM LEVOU

Em seu depoimento, Joca contou que guardou os cilindros durante três dias, mas resolveu jogá-los numa área verde ao lado do lote, usada por ele como depósito de ferro-velho. Os dois cilindros ficaram lá, até que "um homem com um carrinho", supostamente Edivaldo, apareceu e os levou embora.

Com a transferência do inquérito da 23ª DP para a Corregedoria de Polícia, no último dia 20, o delegado Gerardo Carneiro espera dar mais agilidade ao caso. "Mas ainda faltam outros 40 depoimentos de vizinhos, o laudo cadavérico de Maria José, relatórios médicos dos hospitais de Ceilândia, Asa Norte e de Base e parecer técnico do Corpo de Bombeiros",

Reprodução



A dona-de-casa Maria José morreu intoxicada pelo gás cloro

explica ele. "Mesmo assim, esperamos estar com tudo terminado em 30 dias".

Caso seja condenado por homicídio culposo e lesões corporais culposas (crime sem intenção, mas que poderia ter sido previsto e evitado pelo autor, se tivesse consciência do risco), Edivaldo Pereira poderá ser condenado de um a três anos de detenção. "Também

não está descartado o arquivamento, caso se chegue à conclusão de que ele não imaginava o que aconteceria se abrisse os cilindros", explica o delegado.

Desde que teve alta do Hospital Regional da Asa Norte, no último dia 25, Edivaldo não voltou mais para casa. Ontem, a imagem do local era de total abandono. Segundo o filho Ronaldo, o pai está morando

com parentes no Recanto das Emas. Não sabe quando volta.

Com a perda da mãe, Ronaldo também tem evitado voltar à casa. Há duas semanas está morando com a irmã Maria José de Castro, 28 anos, na QNM 23. Maria José e Helena Beatriz, de 25 anos, são filhas de Maria José Pereira, que morreu no acidente. Revoltadas com tudo o que aconteceu, culpam o padrasto. "Estamos procurando um advogado. Vamos processá-lo. Quem pensa que essa história acabou, se engana. Está apenas começando", repete a mais velha.

Segundo elas, Edivaldo não tem problemas mentais e havia sido advertido sobre o risco de vazamento do cilindro uma semana antes do acidente. "Meu avô Belmiro esteve na casa dele e falou que aquilo era perigoso", lembra Maria José. "Mas ele não ouvia ninguém".

TREINANDO PESSOAL

Maior consumidora de cloro do Distrito Federal, a Companhia de Água e Esgoto de Brasília (Caesb) está treinando todos os funcionários que trabalham expostos ao produto, para evitar acidentes como o ocorrido no dia 12 de janeiro, no conjunto O da QNN 6, Ceilândia Sul. São treinados oito empregados por dia.

"Vamos treinar todos os 70 funcionários envolvidos no processo de estocagem. Depois capacitaremos quem transporta o produto", informa Néelson Afonso dos Reis, superintendente de Suprimentos da empresa. Os empregados que trabalham nas 40 estações de

tratamento já foram treinados. "Eles lidam diretamente com o produto. Esses 300 funcionários sabem agir em qualquer emergência", acrescenta. A Caesb utiliza 20 cilindros de 900 kg de cloro por mês.

A empresa conta com uma equipe de seis instrutores e dois engenheiros na área de prevenção de acidentes. Além de realizar o treinamento com os funcionários, os instrutores atendem a outros órgãos. "Na segunda-feira, treinamos seis oficiais do Corpo de Bombeiros", diz Vicente Lara de Moura, técnico em segurança do trabalho. No DE, além da Caesb, fábricas de cerveja e detergentes utilizam o cloro em suas atividades industriais.

"O manuseio do cilindro pode trazer dois problemas aos funcionários. O risco de queda do cilindro e o de vazamento", relata Vicente. O risco de queda é minimizado pela resistência do revestimento. "O perigo maior é cair sobre alguém. O cilindro chega a pesar 1,8 tonelada".

O treinamento divide-se em duas etapas: uso da máscara de segurança e prevenção de vazamentos. "O mais importante é o uso correto da máscara de gás. Se o vazamento ocorrer em um local fechado, sem ventilação, a morte pode ocorrer em poucos minutos", informa Vicente Moura.

De acordo com o diretor administrativo, Humberto Ludovico, as unidades fechadas da Caesb possuem exaustor. "Em caso de acidente, os exaustores expulsam o produto do ambiente", acrescenta.